

# TEATRO POR AMOR

NOVA SECÇÃO DE TEATRO  
DE AMADORES DIRIGIDA  
POR SOEIRO CAMILO  
E REGINA PERDIGÃO



Três figuras que se distinguiram: Fausto Correia Leite (Polícia), João Silva (Vendedor de balões) e Roberto Viana (Grande Varela)

## A ÚLTIMA REALIZAÇÃO DA CASA DA COMÉDIA: «O Baile dos Mercadores»

### A PEÇA

«O Baile dos Mercadores», original português, de João Osório de Castro, estreada na Casa da Comédia, é uma farsa, mas ligeira, uma vez que o recorte satírico de crítica contundente quer à sociedade quer aos costumes, próprio das farsas, encontra nesta obra uma tonalidade diluída. Será uma farsa cor-de-rosa, aliás bem servida de ingredientes que a tornam movimentada, leve e espirituosa.

O autor não pretendeu, ao que parece, passar de uma crítica pela rama a tudo o que põe em causa, e apenas acaba como começou. Assim, a característica social dos personagens que caem sob a alçada da sátira, sofre apenas beliscaduras simpáticas sem o contraste de claro-escuro que se impunha para que a farsa o fosse inteiramente. Por isso, os comerciantes capitalistas são apenas casmurros e interesseiros, tendo como reverso da sua classe não a naturalmente oposta — a trabalhadora — mas a pequena burguesia mesquinha — constituída pelos caixeiros das suas lojas. A presença popular é dada por um vagabundo vendedor de balões, homem sem classificação social determinada, sobre quem não recai o tratamento de farsa. Fala-se de greves, mas alguns dos seus fautores oferecem flores ao patrião!

O intróito da história, porém, gira à volta da presença de um ministro da economia de uma nova república africana — que permite ao autor o toque da nota política — chegada do seu país com a incumbência de adquirir cinco milhões de fatos para vestir os homens nus da sua terra. A batalha da concorrência inicia-se entre os dois potentados possuidores das fábricas. É a altura dos caixeiros se unirem a fim de cavarem a ruína dos patrões tirando proveito da situação. Promovem

vigarices de antemão condenadas ao fracasso. Os capitalistas perante o perigo resolvem ouvir as suas caras-metades que os aconselham a unirem-se, e mais, a aceitar o casamento entre o filho de um com a filha do outro, que até ali faziam namoro às escondidas, sem se poderem casar porque os pais se recusavam a dar a sua anuência. A união dos dois comerciantes deita por terra a dos caixeiros e a dos operários, num abrir e fechar de olhos. Os filhos casam-se e o velho vendedor de balões que no início estava disposto a ser joguete nas mãos dos dois ricos, reage negando-se a continuar o jogo para manter a sua liberdade, que mais não é do que viver miseravelmente da venda dos balões, mas honradamente e com a consciência limpa.

Como se vê, ninguém sai com a sua situação posta em causa, antes pelo contrário. A moralidade

Maria Navarro (Menina Georgette) e Santos Manuel (Ministro da Nova República Africana) jogam a cena de interesses muito pessoais e distintos, com relevo para ambos os actores



está em ficar cada um no seu lugar, só que às vezes há mal-entendidos que podem dar maus resultados.

O autor é menos feliz na invenção da história do que no seu tratamento. Os diálogos são bem construídos, muitas vezes com graça, quase sempre fluentes (o tom de farsa decal um pouco no último acto) apropriados ao ritmo de «vaudeville» que, certamente, imaginou.

Da peça existe uma edição de luxo bem apresentada.

### A ENGENAÇÃO

A encenação esteve a cargo do Dr. Fernando Amado e seus colaboradores, Luis Sande Freire e Vitor André. A peça permitiu a esta equipa um trabalho de belo efeito estético de que se tiraria mais proveito num palco de maiores dimensões. A marcação é ágil, com achados cómicos apropriadamente metidos. Já quanto ao ritmo põe-se um problema. Logo na primeira cena ele é dado através de uma marcha em voga no século passado (a acção passa-se na «belle époque») com a intenção dos actores marcarem os seus movimentos dali em diante, ao seu espírito. Ora isto exige uma permanente movimentação dançada da parte dos actores, nem todos à altura de o fazer.

Chega a haver momentos em que quase se lhes pediria a elasticidade comum aos actores da «Commedia dell'arte». Ora, tal não foi conseguido, como aliás muito dificilmente o poderia ser por um grupo pouco experiente. A ideia não está errada nem é para desprezar, os actores é que também não têm a obrigação de fazer o que ainda não está ao seu alcance.

Contribuíram muito para a beleza do espectáculo os bonitos cenários e alegres figurinos de Vitor André, bem como a iluminação, que cumpre inteiramente a sua função.

Por fim, o som e a música que além da marcha de fundo que acompanha a peça, é composta de canções expressamente feitas e da autoria de Luis Sande Freire. O som, tal como a luz, foi um bom auxiliar do espectáculo. A música, porém, levantou problemas ao cantor, no papel de vendedor de balões.

Colocada no texto e com fun-